

**Energia** Em 2009, enquanto o PIB brasileiro registrava pequena queda, residências utilizavam 6,2% mais

# Farra dos eletrônicos pressiona a oferta

**Josette Goulart**  
De São Paulo

Na favela do Jaguaré, em São Paulo, boa parte dos vizinhos de dona Lucília Mendes possuem um televisor de LCD ou de Plasma, TV a cabo, DVD, microondas e toda gama de produtos eletrônicos plugados em uma tomada. Não é diferente na rua de Ana Lúcia Souza, que mora em uma região de baixa renda da cidade de Osasco, na Grande São Paulo. Seu cunhado, que mora no andar de cima de seu sobradinho, não tem apenas uma TV de LCD: comprou logo cinco, de vários tamanhos e modelos. Essa pequena amostra de histórias de aquisições de bens até há pouco tempo vendidos apenas para as classes de maior poder aquisitivo, explica como o aumento da renda fez explodir o consumo de energia.

Foi o crescimento exponencial nas residências, ao lado do aumento também no comércio — que precisa de mais energia justamente para vender toda essa parafernália — que seguraram a forte queda da atividade industrial no ano passado.

A escalada do consumo residencial começou em 2003 e segue firme. No primeiro trimestre deste ano, foram consumidos 8,2% mais gigawatts hora do que no mesmo período do ano passado. Em 2009, enquanto o PIB brasileiro registrava pequena queda de 0,2%, as residências consumiam 6,2% mais energia em todo o país. Nem mesmo o forte aumento das tarifas, que em algumas regiões chegou a subir 20%, serviu de freio. Todo esse crescimento se dá em cima de bases já fortes nos anos anteriores.

As causas dessa elevação vão além da compra de televisores ou

DVDs. O calor também ajudou, segundo explicação da Empresa de Pesquisa Energética para a alta do consumo nesse primeiro trimestre. Mas no Nordeste o que mais está influenciando os números é mesmo a chegada de novos consumidores. O presidente da Neenergia, Marcelo Corrêa, diz que principalmente na Bahia, onde a empresa distribui energia por meio da Coelba, trata-se de um efeito do Bolsa Família. Em parte porque o Estado tem recebido de volta retirantes que viviam em São Paulo e ainda porque, com o aumento da renda, as famílias, que antes viviam juntas, passam a ter condições de se dividir. Resultado: na Bahia a empresa tem 20% mais consumidores do que registrava em dezembro de 2006.

O forte crescimento do consumo já preocupa a Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel),

que estuda formas de oferecer o chamado sinal econômico. Para isso, a agência propõe que as tarifas de energia sejam cobradas de acordo com a hora em que foi consumido. Se dona Lucília resolver lavar a roupa no seu novo tanquinho elétrico às seis da tarde vai pagar mais pela energia do que se lavar à meia-noite. Assim, é possível distribuir o consumo e permitir que o governo federal faça um melhor planejamento de geração.

O professor especialista em energia da Universidade de Harvard, Ashley Brown, diz que nos EUA os consumidores de alguns Estados já podem decidir se querem ou não pagar o preço proposto para determinado horário do dia ou se preferem consumir em outro momento. O professor Brown, que esteve na semana passada em São Paulo, diz ainda que é preciso estar atento a outras for-

mas de consumo que virão, como por exemplo a do carro elétrico. O veículo é menos poluente, mas vai requerer novas usinas.

O consumo de energia no país tem aumentado tanto que mesmo a usina de Belo Monte, que será uma das maiores do mundo — com capacidade de gerar 4.500 megawatts médios de energia por ano —, só poderá atender o crescimento do consumo de apenas dois anos, como lembra o presidente da Votorantim Energia, Otávio Carneiro Rezende. Como se espera que a economia continue crescendo, novos investimentos precisam ser feitos.

A indústria patinou e, de certa forma, freou o crescimento do consumo no ano passado. Os consumidores industriais consomem cerca de 50% de toda a energia produzida no país. Em função da crise, reduziram o consumo

em 8,5%. Neste ano, entretanto, o consumo já cresceu 13%.

A capacidade de geração precisa ser aumentada, mas o governo vai precisar pensar em programas de eficiência energética. A Neoenergia, por exemplo, em quatro anos fez a troca de 60 mil refrigeradores velhos pelos mais modernos, que consomem menos energia. “Preciso cuidar para que o meu consumidor tenha capacidade de pagar sua conta”, diz Marcelo Corrêa.

A troca de refrigeradores velhos, que consomem mais energia, tem sido alvo de um programa realizado em todo o país ao longo dos últimos anos. Os refrigeradores estão sendo trocados, mas novos equipamentos estão sendo adquiridos. As TVs de LCD, por exemplo, por terem telas maiores que as equivalentes tradicionais consomem em alguns casos até 25% mais energia.